

IZABELITA RUIZ também é de Cinema...

(POR J. A. BAPTISTA JUNIOR)



Um cavalheiro muito amável quiz ter a delicadeza de apresentar-nos á Izabelita Ruiz que aqui se encontra, na Companhia Velasco, como primeira bailarina da **troupe**. Estavamos no Palácio Theatro. Mas como era uma noite de "premiere", e havia, na caixa, a confusão natural das primeiras representações, a artista nos disse:

— "Venga mañana. Hablaremos mejor".

Na noite seguinte, quando entramos no seu camarim, Izabelita acabava exactamente... de despir-se, para entrar em scena. Levantou-se para dar um ultimo toque de "baton" ás sobrancelhas pretas... Todo o seu corpo colleante brilhou á luz. E um momento podemos analysar, a frio, a maravilha hellenica daquellas formas que uma leve, tenuissima fantasia de baile deixava apparecer melhor á gula dos nossos olhos. De pé, agitou-se... A sua figura ondulante, aguda, fina, fragil, tinha uma agilidade felina. Os seus cabelos lisos, que uma grinalda de rosas enfeitava, cahiam, em pontas, sobre o rosto. Os olhos negros deviam conter um filtro venenoso, tal a sua farscação demoniaca... A bocca, que sorria para nós, no esplendor dos dentes brancos, certo, guardava um perfume de cravos e um gosto de mel...

Mas o que nos interessava na visita, não era propriamente a figura extrema-

mente sensual da artista; Izabelita, que vinha ao Brasil com um nome feito na Europa, como bailarina, já dera também ao Cinema uma parte da sua actividade de artista. Pelas informações colhidas em jornaes estrangeiros, sabiamos que Izabelita "filmara", em Paris, com successo, uma pellicula historica, "Destinée", sob a orientação do director francez Roussell. Iamos, pois, solicitar da interessante bailarina as suas impressões.

— Pois, não; disse-nos, sorrindo. Com todo o gosto.

E após nos ter, num gesto amavel, indicado uma cadeira, começou:

— Tenho ainda quinze minutos para entrar em scena; podemos conversar á vontade. Inicialmente, devo dizer-lhe que eu estava em Paris quando Henry Roussell appareceu, um dia, em minha casa, para contractar-me. Eu vinha de terminar o contracto do numero de baile que fazia na revista do "Concert-Mayol". Estava a descansar, imaginando talvez uma estação de repouso na "Côte d'Azur", quando o conhecido homem de Cinema me visitou. Confesso que, ao ouvir as primeiras palavras de Roussell, cahi das nuvens. "Como? Eu, no Cinema?" indaguei de Roussell, no cumulo da surpresa. "Sim, disse-me elle. Eu preciso de um typo as-

sim". E acto continuo, entrou a expôr-me as condições. Tratava-se de "filmar" "Destinée" film historico, cujo enredo era tirado de um episodio de guerra, do tempo de Napoleão. Eu devia encarregar-me da principal personagem feminina. E como tinha o "typo" devia ia "a matar", no papel, no entender do director.

— Já conhecia Roussell? interrogamos.

— De vista apenas. Elle dirigira "As violetas imperiaes" em que a minha collega Rachel Meller apparecera. Vi-o no "Studio", uma tarde em que me encontrava em companhia de Rachel. Mas rapidamente. De modo que, quando elle foi propor-me o contracto, eu não sabia como explicar aquillo. Tanto mais que elle foi propor-me o contracto, eu não sabia como explicar aquillo. Tanto mais que eu nunca tinha imaginado poder ingressar no Cinema, com a responsabilidade, inicial, de um primeiro papel. Não escondo, todavia, o meu contentamento. A arte muda sempre exerceu sobre o meu temperamento romantico, uma irresistivel fascinação. Muita vez alimentei, no fundo d'alma, o secreto desejo de apparecer num "film", de conquistar, como outras, a fortuna e a popularidade que, hoje em dia, só o Cinema pôde proporcionar a uma artista. Como muita gente, sonhei com o Hollywood. De modo que a proposta de Roussell vinha ao encontro das minhas caras inspirações...

— E afinal?

— "Filmei" a pellicula. Ah! meu amigo! Eu não sabia o que aquillo era! Quanto trabalho, quanta preocupação! Essas raparigas que, como eu, sonharam, um dia, com a possibilidade de ser "estrellas", não podem imaginar quanto sacrificio, quanta renuncia, quanta coragem exige o trabalho. E' uma tarefa ardua de todas as horas, de todos os momentos. Frequentemente, é necessario fazer a mesma scena quatro, cinco, seis e mais vezes. Mas, com uma (Termina no fim do numero)



IZABELITA ADORA O RIO E O CINEMA...